

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Direito  
Curso de Ciências do Estado

Ana Luisa de Andrade Santos

**REFLEXOS DO PENSAMENTO POLÍTICO BRASILEIRO NA IMAGEM  
NACIONAL: Um diálogo com a obra de Roberto DaMatta.**

Belo Horizonte  
2023

Ana Luisa de Andrade Santos

**REFLEXOS DO PENSAMENTO POLÍTICO BRASILEIRO NA IMAGEM  
NACIONAL: Um diálogo com a obra de Roberto DaMatta.**

Monografia apresentada pela aluna Ana Luisa de Andrade Santos ao colegiado de graduação de Ciências do Estado da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de diploma de Bacharel em Ciências do Estado.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Badaró de Carvalho.

Belo Horizonte  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

Aos familiares, em especial aos meus pais e irmãos por todo o apoio e incentivo nos momentos difíceis, que compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava a este sonho. Agradeço a minha irmã Tânia, que me apresentou o curso de Ciências do Estado.

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio ao longo de todo o período da faculdade. Agradeço especialmente as minhas companheiras de curso, Laura, Raquel e Luiza, com quem compartilhei todos esses anos e compartilho agora uma profissão.

Agradeço ao meu companheiro de faculdade e de vida, André, por todo incentivo, apoio, paciência e cuidado durante essa jornada.

As pessoas que partilharam comigo a vivência no Centro Acadêmico de Ciências do Estado, onde fui muito feliz e aprendi na prática o que significa ser uma Cientista do Estado.

Agradeço ao meu orientador por todo o auxílio, paciência e ensinamentos desde 2019, por ser uma inspiração como professor e como pessoa.

E agradeço, por fim, a todos os professores da Faculdade de Direito e da Universidade Federal de Minas Gerais, que incentivam diariamente o pensamento crítico e valorizam a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão para o desenvolvimento da ciência em nosso país.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. A IMPORTÂNCIA DA IDENTIDADE.....	6
2. DAMATTA E A IDENTIDADE BRASILEIRA.....	10
3. POR UMA IDENTIDADE PLURAL? .....	18
CONCLUSÃO .....	21
ANEXO I .....	23
REFERÊNCIAS .....	27

## INTRODUÇÃO

O pensamento político brasileiro é um campo de estudos que busca compreender a história e as ideias políticas que moldaram a formação do Brasil. Esse campo é importante por diversos motivos, dentre os quais podemos destacar: a compreensão da realidade brasileira, pois nos ajuda a entender as raízes históricas e culturais do Brasil, o que é fundamental para compreender a realidade atual do país; a formação de cidadãos conscientes, nos ajudando a desenvolver um senso crítico sobre as questões políticas, o que é essencial para a participação cidadã; e, por fim, a construção de uma identidade nacional, já que o pensamento político nos ajuda a refletir sobre o que significa ser brasileiro, sendo fundamental para a construção de uma identidade nacional forte. Portanto, esse campo de estudos tem impacto significativo na imagem nacional e possui reflexos internos, influenciando a auto imagem do brasileiro e a forma como o mundo enxerga o Brasil.

Temos várias maneiras de compreender e explicar a história e a sociedade, por meio da religião, de fatos e acontecimentos, da filosofia, e de variadas interpretações acadêmicas que formam uma importante base teórica a qual recorreremos para tentar compreender e aprender com a história. O retorno aos escritos se faz crucial ao buscar entender o processo de formação da identidade de uma nação e sua importância. Neste trabalho, teremos como ponto de partida bibliografias do século XX, em especial a obra de Roberto DaMatta, analisaremos os reflexos e influências do pensamento político brasileiro, de teóricos e historiadores do século XX, na sociedade brasileira do século XXI.

Iniciando com a análise de conceitos e noções presentes no senso comum, que foram explorados por autores brasileiros, dentre eles temos o “jeitinho” (DaMatta, 1986), que permanece como característica comumente associada ao povo brasileiro em duas conotações possíveis. Pode ser considerado positivo quando pende para a criatividade em lidar com os problemas e dificuldades existentes; já para o lado negativo é associado à corrupção em pequenas e grandes atitudes, o que vai desde tentar resolver um problema informalmente, passando por cima da burocracia e tentando acelerar o processo padrão com base em personalismos, até crimes de colarinho branco

que por vezes são estratégias políticas, como as pedaladas fiscais. Tomando como uma “segunda abordagem” do “jeitinho” temos a influência do conceito de cordialidade conceituado por Sérgio Buarque de Holanda.

A partir de tais aspectos, o objetivo é compreender algumas das bases teóricas que contribuíram para a construção de uma autoimagem do brasileiro, considerando a interpretação de DaMatta do Brasil que marca até hoje a forma como o povo brasileiro se vê; conjecturando com a influência de outros autores em sua obra, e os autores que deram continuidade em seu trabalho de forma crítica.

Sendo assim, a proposta deste estudo é realizar a leitura do autor de modo crítico e atento à diversidade cultural existente com um olhar pluricultural, questionando a possibilidade de haver um ponto de convergência entre as identidades do país, a fim de alcançar uma característica comum que seja capaz de germinar o sentimento de pertencimento.

## 1. A IMPORTÂNCIA DA IDENTIDADE

Em alguns países, a expressão "identidade nacional" evoca imediatamente a ideia de nacionalidade, de acordo com Marcel Detienne (2013, p. 02), que define essa ideia como algo "muitas vezes objetivado por uma carteira muito material, que identifica um indivíduo, seja ele da Itália, da Alemanha ou da França, uma 'pessoa' sentida como mais ou menos inseparável de uma cultura, de uma história, ou mesmo de uma missão ou de um destino." Partindo dessa perspectiva, podemos considerar que a nacionalidade está presente em cada um de nós, brasileiros, e que a partir disso pode-se encontrar características e ideias comuns que formaram, na perspectiva de alguns autores, uma identidade nacional.

Todas as nações constroem seus ideais e identidades a partir do que Jessé de Souza (2009) chama de "mito nacional", aquela característica que faz todo o povo se identificar e gera o sentimento de "solidariedade coletiva", que gera o sentimento de unidade e de pertencimento àquele lugar. Esse sentimento de "pertencimento coletivo" é o que possibilita a existência da nação no sentido moderno, é o que dá sentido em reconhecer e em compartilhar a mesma história, o mesmo destino e, indo um pouco além, é o que nos permite sonhar com um futuro melhor, porque acreditamos e pertencemos àquele lugar.

Para Jessé (2009, p. 29), nós, brasileiros, temos um mito nacional segundo o qual "somos o povo da alegria, do calor humano, da hospitalidade e do sexo". Em resumo, somos o povo da "emocionalidade" e da "espontaneidade" em oposição à racionalidade fria e ao cálculo que caracterizariam supostamente as nações avançadas do centro da modernidade. Do Oiapoque ao Chuí, todo brasileiro, hoje em dia, se identifica com esse "mito brasileiro".

A ausência do sentimento geral de pertencimento como nação possui raízes históricas presentes desde a colonização portuguesa. Trata-se de um desafio consequente da formação do Brasil, no qual podemos citar o número de culturas de diferentes lugares que contribuíram para a construção do país, além da diversidade e do tamanho geográfico que também se apresentam como

obstáculos, de tal modo que encontrar um ponto comum com tantas diferenças e sem simplificações reducionistas é desafiador para a antropologia.

Uma identidade nacional bem definida cria uma base comum para potencializar mudanças significativas e que sejam "de baixo para cima", de forma que faça sentido para aqueles que se reconhecem como brasileiros, apesar de todas as diferenças regionais, culturais e religiosas.

O mito nacional, ou imaginário social, para Jessé (2009), é um conjunto de interpretações e de ideias que possibilitam a compreensão do sentido e as particularidades de cada experiência histórica coletiva. Portanto, o mito provém "sentido" moral e espiritual para os indivíduos e grupos sociais que compõem uma sociedade. Jessé considera a influência da obra de Gilberto Freyre como fundamental para o abandono de narrativas que apontavam para a exuberância da natureza brasileira em detrimento do negativo de nossa formação social. Freyre defende a unidade substancial dos brasileiros num todo unitário e tendencialmente harmônico; segundo essa construção, estamos todos no mesmo barco, e devemos ter orgulho do que já construímos, uma sociedade que supostamente se une com a harmonia dos opostos. Tais ideias repercutiram para a população em geral ao se encontrarem com o interesse do Estado reformista e interventor de Getúlio Vargas, numa ideologia positiva do brasileiro como energia simbólica para o esforço de integração nacional. Segundo Jessé, autores que vieram posteriormente a Freyre teriam atualizado suas construções. DaMatta, juntamente a autores como Sérgio Buarque de Holanda, teriam produzido uma narrativa da formação social brasileira que reforça a noção do conflito como algo indesejável, estranho à cultura brasileira.

O elogio da unidade, da homogeneidade, da "índole pacífica do povo brasileiro", do encobrimento e da negação de conflitos de toda espécie, assim como no outro polo, a demonização da crítica e da explicitação de conflitos e das diferenças, ganham, a partir desse contexto discursivo e até nossos dias, sua articulação e legitimação máximas. A negação dos conflitos de toda espécie passa a ser percebida como atributo "positivo", agora "articulado", explicitado e desenvolvido como ideia e não, como antes, uma "prática" inconfessável. Está criado o nosso DNA simbólico, o DNA simbólico do Brasil moderno, um conjunto de ideias que legitimam práticas sociais e institucionais de toda espécie que se destinam, em última instância, a retirar qualquer legitimidade do diferente e da diferença, do crítico e da crítica. (SOUZA, 2009, p. 38)



O mito de pertencimento nacional faz parte do "núcleo" do senso comum, a forma como as pessoas comuns, todos nós, conferimos sentido à vida e às ações cotidianas. A maioria das pessoas não é especialista no funcionamento da sociedade, mas precisa conhecer as regras básicas do convívio social, e o "senso comum" preenche essa lacuna, derivada de escritos antropológicos do pensamento político brasileiro, mas de forma superficial. O senso comum sobre o que é ser brasileiro perpassa por opiniões que citam, em algum momento, a falta de compromisso de alguns políticos e de parte da sociedade com o social, como podemos observar na obra de DaMatta "*O que faz o Brasil, Brasil?*". O retrato comumente associado ao jeitinho brasileiro é o da corrupção, seja ela em pequena ou grande escala. O uso do termo jeitinho como sendo característica intrínseca ao ser brasileiro levanta o questionamento se as ações associadas ao "jeitinho" e abarcadas pelo conceito são práticas que precedem a conceituação feita por DaMatta; ou se essa é à nossa maneira de tentar explicar a sociedade brasileira na falta de outra análise crítica teoricamente elaborada sobre o tema.

Ao questionar o que faz de nós brasileiros, o que faz parte da nossa brasilidade intrínseca e da forma de ser brasileiro, seja abertamente afetuoso, distintamente de outros povos, ou mais reservado, temos uma forma própria de torcer pro time de futebol, de comemorar o natal tropical mas com enfeites de neve, de festas juninas e barraquinhas, do carnaval; e tem algo, em meio a tudo isso, que é diferente, por ser feito por nós, um povo que sofre mais com o futebol que com política, que apesar de capitalista, não considera o trabalho o mais importante, que deseja a industrialização e uma economia influente, mas sem abandonar a hierarquia socialmente imposta, que abandonou alguns, mas não todos os traços coloniais e ditatoriais, que tem o costume de anistiar os poderosos e punir os miseráveis, que vive em uma sociedade repressiva e violenta com o diferente, mas que recebe o outro de forma cordial, que é profundamente contraditório, ou não? Somos um ornitorrinco em forma de país? (OLIVEIRA, 2003). Somos como Roberto Schwarz (2000) retrata em "Ao vencedor as batatas", parte autoritários, parte democráticos, parte progressistas, parte conservadores, uma aberração da natureza ou o melhor que poderíamos ser?

Nesse contexto e considerando o acúmulo de conhecimento que temos hoje sobre o Brasil, incluindo estudos sobre os povos originários e africanos, pretendo retomar a discussão sobre a identidade nacional construída no século XX, de forma a considerar a pluralidade existente e tendo como ideal uma identidade nacional que abranja a todos os brasileiros com um conceito que possa despertar o sentimento de identificação e valorização do nacional.

Como principal exemplo de sucesso de uma forte imagem e ideal nacional, temos os Estados Unidos, atualmente uma potência mundial e que foi capaz de criar, ainda que tardiamente em comparação com outros países, um forte ideário nacional, capaz de mobilizar grande parte do país em prol do melhor para o Estado. Considerando sua história de colonização, seus obstáculos foram diferentes de outras colônias de exploração, sendo um caso único. Todavia, vale considerar o papel que a identidade nacional teve no desenvolvimento do país. Tais aspectos são importantes para avaliarmos as possibilidades do desenvolvimento de teorias e críticas que possam servir como base para futuras pesquisas, pois esperamos que as reflexões aqui produzidas possam ser parte do processo de formação de uma identidade nacional, que valorize o país pelo seu papel internacional e proporcione, em última instância, a diminuição da desigualdade social, com uma maior consciência política e social.

## 2. DAMATTA E A IDENTIDADE BRASILEIRA

De acordo com o Jornal de Letras, Roberto DaMatta, foi considerado um dos grandes nomes das Ciências Sociais no país, autor de diversas obras de referência na Antropologia, Sociologia e Ciência Política, pioneiro nos estudos de rituais e festivais em sociedades industriais, tendo investigado o Brasil como sociedade e sistema cultural por meio do carnaval, do futebol, da comida, da morte, dos jogos de azar e da malandragem. Membro titular da Academia Brasileira de Ciências, com 11 livros que são marcos da formação do pensamento antropológico brasileiro, DaMatta escreveu também mais de uma centena de ensaios técnicos, vários artigos para os principais jornais do país e do exterior, inclusive para o New York Times. O mais famoso de seus títulos é *Você Sabe com quem Está Falando?*, volume com três ensaios que analisam o autoritarismo brasileiro. Nos anos 1980, o livro *O que faz o brasil, Brasil?* recebeu o prêmio Casa Grande e Senzala, do Instituto Joaquim Nabuco, como a melhor interpretação do Brasil; e em 2022, recebeu o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras (ABL) pelo conjunto de sua obra.

No presente trabalho, trabalharei alguns conceitos presentes em dois de seus livros, *O que faz o brasil, Brasil?* e *Carnavais, Malandros e Heróis* tendo como objetivo trazer aos conceitos trabalhados por DaMatta uma perspectiva atual e crítica. Portanto, faz-se necessária a retomada das definições do autor, na forma de embasamento teórico. Devido ao impacto de sua obra na conceituação da identidade e autoimagem do brasileiro, trarei os conceitos que foram centrais em sua busca por uma identidade nacional.

Para iniciar o debate sobre identidade, DaMatta (1986) faz a diferenciação entre o brasil com b minúsculo, do Brasil com B maiúsculo. Para o autor, o brasil representa um objeto sem vida, apenas um pedaço de terra ou o nome de um tipo de madeira de lei; quando fala Brasil se refere a cultura e ao povo que ocupa este território, fazendo dele um espaço único que possui valores e ideais, uma entidade viva repleta de autorreflexão e consciência. DaMatta tem como pretensão analisar aspectos da sociedade brasileira por meio de ângulos e questões que normalmente não são considerados para uma pesquisa qualitativa, mas que ainda assim formam o Brasil.

BRASIL com maiúsculas, que sabe tão bem conjugar lei com grei, indivíduo com pessoa, evento com estrutura, comida farta com pobreza estrutural, hino sagrado com samba apócrifo e relativizador de todos os valores, carnaval com comício político, homem com mulher e até mesmo Deus com o Diabo. Por tudo isso é que estamos interessados em responder, nas páginas que seguem, esta pergunta que embarga e que emociona: afinal de contas, o que faz o Brasil, BRASIL? (DAMATTA, 1986, p. 09)

O autor investiga como se dá a relação entre o formal e o popular; como essas características tipicamente brasileiras se relacionam na formação da pátria e da identidade nacional. A partir de experiências históricas, desde a colonização, com a chegada dos portugueses, a especificidade geográfica, a escravidão, o genocídio indígena, migrações de diversos países, as pressões externas, a língua. São essas experiências que vão, juntas, construir o que chamamos e conhecemos como Brasil.

Tendo como objetivo tratar de diferentes aspectos da vida social brasileira, o autor traz características que fazem parte da personalidade nacional, a culinária representada pela feijoada; a menor receptividade a coisas vindas de fora; a língua portuguesa; as diferenças na música popular - frevo e samba - ; o futebol; o modo como vamos à praia; o carnaval; as situações formais que admitem um “jeitinho” pela relação pessoal e pela amizade; a preferência por ficar “em cima do muro” e o reconhecimento que isso é uma necessidade devido à realidade social; a diversidade religiosa; a lealdade aos amigos e o compromisso com a família; e por último a valorização das relações pessoais que estão sempre presentes. Com todas essas informações sobre o brasileiro, temos o esboço geral de sua identidade social, em características que o autor considera importantes e que nos diferenciam de um europeu, por exemplo, e são essas afirmativas/negativas que diferem identidades sociais e sociedades, suas culturas e seus modos de vida.

“Tudo isso nos leva a descobrir que existem dois modos básicos de construir a identidade brasileira: o de fazer o Brasil, Brasil” (DAMATTA, 1986, p.13). A primeira forma é voltada para os dados precisos da realidade, como o Produto Interno Bruto (PIB), o Produto Nacional Bruto (PNB), a renda *per capita*, a inflação, o sistema político e educacional. Essa identidade social moderna é baseada nos critérios estabelecidos pelo Ocidente europeu e define o país com

critérios quantitativos e claros. Mas diferente de outras sociedades que se definem apenas por esses critérios, a identidade nacional se constrói de duas formas; em dados quantitativos deixamos a desejar como sociedade, mas em dados qualitativos e sensíveis reconhecemos o Brasil como algo que vale a pena. É importante analisar e discutir o Brasil considerando ambas classificações, faz parte da nossa formação como povo e como país essa duplicidade; moderna por um lado e antiga pelo outro. DaMatta traz como desafio descobrir como relacionar essas duplicidades e encontrar um ponto central, o que torna esse Brasil possível.

Pois apesar de conviver e conhecer a expressão política e econômica dessa duplicidade, não se discute as implicações sociológicas profundas que essa capacidade relacional esconde, o antigo e o moderno singularizam a sociedade brasileira. Assim, DaMatta tenta mostrar que “o que faz o Brasil, Brasil” é uma imensa e inesgotável criatividade acasaladora, e propõe discutir como se ligam as duas faces, o Brasil e o Brasil. A ideia trazida por DaMatta será importante na construção da identidade social e influenciará sua época, se tornando um marco que tenta discutir ambas as identidades do país.

Podemos acrescentar que os conceitos de maleabilidade social, malandragem e jeitinho, trabalhados não exclusivamente por DaMatta, são profundamente enraizados na sociedade brasileira.

Ao iniciar as reflexões acerca de uma identidade nacional, os conceitos de maior destaque foram o “jeitinho” e o “sabe com quem está falando?”, por seu papel e presença terem permanecido atuais, sendo eles reconhecidos e utilizados pelo povo brasileiro.

DaMatta (1986) traz a reflexão a respeito de como nos comportamos perante as normas do bom senso e da coletividade geral, pois temos desde a desordem carnavalesca, até na vivência em casa, “jeitinhos” para satisfazermos nossas vontades, seja de viver como um rei no carnaval ou como uma criança que faz de tudo para ter o que quer.

Temos, então, o dilema entre as leis universais que têm como sujeito o indivíduo e as situações em que o indivíduo se utiliza das relações pessoais para

atingir seu objetivo. Em outras palavras, temos leis que teoricamente valem para todos, e formas de mediar sua aplicação dependendo da pessoa nela implicada. Assim, o sistema social é dividido entre o indivíduo e a pessoa.

O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. (DAMATTA, 1986, p. 60).

Em sociedades que obedecem fielmente às regras, em que a norma jurídica e a vida cotidiana estão perfeitamente alinhadas, a consequência direta é uma maior sensação de confiança na aplicação da lei, pois não há diferenciação a depender da classe social de quem infringe a lei. No Brasil, tem-se o costume de admirar essa disciplina, percebendo-a como civilização e disciplina, educação e ordem; e não como reflexo de adequação entre prática social e o mundo constitucional e jurídico. Devido à diferença na aplicação a depender de quem será prejudicado ou beneficiado, não temos a tão almejada segurança jurídica, somos regidos primeiramente pelo princípio hierárquico que governa a sociedade.

Essa é a origem do “jeitinho”, a possibilidade de interferência das relações na lei, impedindo sua aplicação universal. Essa saída pode se dar de duas maneiras, utilizando o “jeito”, algo em comum para tentar criar um elo de simpatia entre quem está aplicando uma lei e o usuário, buscando harmonizar os interesses; ou pelo argumento de autoridade, o “sabe com quem está falando?” que coloca o usuário em posição superior na hierarquia em relação ao aplicador da lei.

Outra forma do que o autor chama de navegação social é a malandragem. Malandro é aquele que usa o “jeitinho” como forma de sobrevivência a situações mais difíceis. O autor coloca a malandragem como exemplo do “jeitinho”, mas podemos considerá-lo como uma forma de lidar com as profundas desigualdades sociais, em que os menos abastados têm dificuldades em conhecer e cumprir toda a burocracia. Não possuem a socialização burocrática básica que a classe média é desde cedo moldada a cumprir e não têm o privilégio

daqueles que podem, a depender dos casos, pagar para que outro cumpra em seu nome. Temos assim, o “jeitinho” e o “sabe com quem está falando?” como duas faces de uma mesma moeda que tenta comprar o caminho mais fácil, uma de forma empática e outra de forma autoritária.

Aprofundando nas razões que nos levam ao jeitinho, DaMatta (1997) distingue os conceitos de indivíduo e pessoa na sociedade brasileira, como uma diferenciação existente no nível concreto e ideologicamente apropriada. Ele considera que no Brasil utilizamos ambas as categorias para excluir “o outro”. Tendo assim, a possibilidade de exprimir a realidade social brasileira por meio de um código duplo, ligado à moral pessoal, ao misticismo, à valentia e à aristocracia.

Aqui estamos no reino da caridade e da bondade como valores básicos, cujo foco é um sistema de pessoas que sempre se concebem como complementares, todas sendo necessárias para compor o quadro da vida social brasileira (DAMATTA, 1997, p. 120).

O que DaMatta denomina de sistema de pessoas é parte central do universo social segmentado em famílias, grupos de profissionais, bairros e os grupos VIPs (pessoas unidas em prol de um objetivo que pode ser político, acadêmico, empresarial, e que possui influência em sua área através de relações interpessoais).

O elemento que sempre está presente quando tratamos da hierarquização social brasileira é a ideologia ariana e racista, que serve como justificativa para hierarquizar o sistema de pessoas. Está presente principalmente no grupo que possui o poder de influenciar ou de fato produzir e aplicar as leis; que são feitas de maneira que quem a realiza materialmente, também possui o “poder” de não a seguir, por ter sido responsável por sua produção. Em outras palavras, há um conflito entre a regra e o autor, onde o autor, diferentemente do que ocorre em outros países considerados mais modernos, não possui influência que tenha como resultado a possibilidade de se esquivar da aplicação da lei, pois mesmo os responsáveis por produzir as leis não podem deixar de segui-la, como idealmente funcionaria uma sociedade democrática.

Quando DaMatta traz o “sabe com quem está falando?” no livro *Carnavais, Malandros e Heróis*, deixa claro ao leitor que, diferente do que pensa o senso comum, quem usa esse artifício não são apenas pessoas de certa forma “privilegiadas” ou que gozam de algum “poder hierárquico” e influência social (médicos, juízes, advogados, políticos). O autor expõe que aquelas pessoas mais próximas dessas figuras de poder também se utilizam do “sabe com quem está falando?” para se colocar em uma posição, ainda que mínima, superior, como exemplo “Sou empregada de fulano de tal” para diminuir e “colocar o indivíduo no seu devido lugar”.

O “sabe com quem está falando?” está intrinsecamente relacionado com a repulsa ao conflito e à discórdia. DaMatta (1986) considera essa característica como básica em um sistema social que é muito preocupado com a hierarquia e autoridade, em que cada indivíduo deve permanecer “no seu devido lugar”. Nesse contexto o “sabe com quem está falando?” ganha espaço ao constranger aqueles que têm a ousadia de desafiar a hierarquia estabelecida, e não obedecem às engrenagens de uma hierarquia que alguns veem como algo natural, onde os conflitos tendem a ser tomados como irregularidades.

Essa hierarquia padronizadora das ações e reações a cargos e posições de autoridade levam a uma imagem de harmonia, de imobilidade social, nas palavras de DaMatta, de um sistema dominado pela totalidade que conduz a um pacto profundo entre fortes e fracos.

Cabe enfatizar que, para DaMatta (1986), o “sabe com quem está falando?” diz muito sobre a sociedade brasileira, e menos sobre traços pessoais, é sintoma de um sistema em que os que detêm poder fazem o possível para permanecer distante da massa, dos indivíduos.

Com a leitura da definição de indivíduo e pessoa de DaMatta, é possível interpretar o Brasil como uma sociedade que despreza o “indivíduo”, por ser sinônimo de gente sem caráter, desvinculado dos elementos tradicionais que fazem parte, e estão entrelaçados na sociedade brasileira, gente sem família, sem casa, a parte da sociedade. Diferente da pessoa, que se mistura, participa



da vida cotidiana, da cidade, uma pessoa, hierarquicamente superior ao indivíduo.

Sendo assim, vejo duas características, não citadas claramente por DaMatta, mas que são fruto dessa visão de indivíduo e pessoa. Primeiramente, temos o personalismo, consequência do forte apelo pessoal, da alma, do coração, das relações pessoais que exercem tanta força e influência, em todos os níveis possíveis, sempre tentando um “jeitinho” de ser mais próximo, mais pessoal, buscando um tratamento que tenha como foco a pessoa, que seja personalista. Temos também, o que considero ser esse mesmo apelo, porém mais voltado a esfera política, o populismo, que busca aproximar o eleitor cativando-o com falas e ações que visam humanizar o político, torná-lo “gente como a gente”, para proporcionar uma maior receptividade e aumentar as chances de fidelizar o eleitor.

Ademais, temos outro elemento, presente diariamente na rotina da maioria dos brasileiros, que é parte importante da formação de uma identidade, a rotina da “casa para rua, e da rua para casa”. DaMatta (1986) distingue o mundo da casa e o mundo da rua, como dois universos separados, que coexistem, mas geralmente não se misturam. A rua, como espaço onde estão, em teoria, o trabalho, movimento, lazer, tentações, é o lugar do movimento, que contrasta com a calma e a tranquilidade da casa. Além da calma, na casa, fazemos parte de um grupo exclusivo, no qual somos membros de uma família, onde somos importantes e fazemos diferença, nela somos vistos como pessoas.

A casa, constituída de pessoas de mesmo sangue e mesmas tendências, se projeta em coisas comuns ao grupo, que podem ser desde relações afetivas, entre pessoas que compartilham o mesmo sangue, até objetos, valores e as chamadas “tradições de família”, que todos do grupo reconhecem a importância de resguardar e preservar. Essas tradições são símbolos coletivos que diferenciam uma residência, lhe dá certo estilo e maneira de ser e estar. Famílias que possuem valores bem alinhados tornam-se uma coletividade, com personalidade bem definida, de tal modo que se tornam uma “pessoa moral”, algo que age unitária e corporativamente, como um indivíduo entre outros.

Daí parte a ideia de que as fronteiras da casa devem ser preservadas, mesmo em um país urbano e moderno, a fronteira física, mas principalmente a moral.

Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social. Assim, na casa, somos únicos e insubstituíveis. Temos um lugar singular numa teia de relações marcadas por muitas dimensões sociais importantes, como a divisão de sexo e de idade. (DAMATTA, 1986, p. 33)

A casa é também abrigo para aqueles agregados que precisam de um lugar para ficar, um amigo com dificuldade financeira, ou um velho funcionário que não tem para onde ir. A casa é conceituada socialmente de modo positivo, ou negativo, a depender de fatores externos, como os animais domésticos daquela casa, o da nossa casa é sempre o cachorro mais manso, o gato com o pelo mais brilhante, o passarinho que canta mais bonito; essa associação a tudo que é bom, bonito e sobretudo, decente, torna a casa uma instituição a ser preservada, respeitada e que deve ser reconhecida por aqueles que querem algo em troca. Não é por acaso que políticos, nas mais diversas ocasiões e com diferentes objetivos, demonstram que são pessoas que respeitam e valorizam a família, o lar, onde a grama é mais verde, as plantas mais bem cuidadas, pois esses elementos cumprem uma função simbólica. Não comemos nossos animais, e nem nossas plantas, eles são criados para diferenciar e ajudar a estabelecer uma identidade social. Em casa buscamos o conforto de ser um membro conhecido e apreciado em um mundo repleto de indiferença, anonimato e asfalto, uma selva de pedra, onde podemos contar somente com a família.

São esses elementos, e as pessoas, que diferenciam a casa da rua. Na casa podemos expressar nossa identidade social de todas as formas, nas paredes, janelas, na fachada, é permitido criar seu espaço físico e moral e diferenciá-lo do todo. Assim, na casa prevalece a harmonia, enquanto a confusão, a competição, a desordem e os debates políticos são manifestados na rua, pois esses temas com potencial para ressaltar posições individualizadas e quase sempre divergentes entre uma família, não devem ser trazidos para dentro da casa, onde deve sempre prevalecer a harmonia.

### 3. POR UMA IDENTIDADE PLURAL?

Pensar em identidades plurais pode ser uma das alternativas possíveis à necessidade brasileira de criação de um “mito nacional”, algo que dê sentido de unidade a toda nação, apesar de toda a diversidade cultural difícil de ser condensada em uma única e estática identidade. Como já exposto, essa diversidade se deve a múltiplos fatores, e em um mundo cada vez mais aberto a aceitar as diferentes cores, culturas e escolhas, apesar da resistência, vejo que se faz necessário pensar em uma abordagem mais ampla, que possa acolher a identidade negra, dos povos tradicionais, dos imigrantes, das famílias não tradicionais e dos grupos que são historicamente marginalizados.

É importante trazermos para o debate a forma com que se estrutura a hierarquia familiar, e as misturas entre a casa e rua conceituado por DaMatta, que não são ideológicas, mas sociais, e estão presentes na direita e na esquerda. Trata-se de uma questão estrutural, assim como o machismo da sociedade patriarcal brasileira, que está também relacionado a autoridade familiar da casa e se estende para rua na forma do “jeitinho” e do “sabe com quem está falando?” buscando extinguir o tratamento impessoal e impor uma hierarquia patriarcal. Por tratar-se de uma prática comum e que trava algumas mudanças, que para DaMatta e Holanda, evitam o debate e discussões dentro das famílias, não há diálogo e troca de ideias, o que é de extrema importância para estimular o pensamento crítico que vá contra as práticas coronelistas e patriarcais. Entendo que à época em que *“Carnavais, Malandros e Heróis”* foi escrito, afirmar que os brasileiros são um povo avesso ao conflito fazia mais sentido devido o contexto político brasileiro de uma ditadura civil militar. Mas após os eventos de junho de 2013 e as eleições de 2018 e 2022, vejo que a sociedade brasileira está mais aberta a debates, na rua e na casa.

O Brasil, com nossas peculiaridades sociais, tem muito a caminhar para construção de uma identidade nacional plural. Somos moldados por um ensino que não nos apresenta a diversidade nacional, no qual aprendemos proporcionalmente menos sobre o nosso país do que sobre outros países. E, ainda, temos divergências no ensino da história brasileira em relação a vários períodos históricos, dentre eles a ditadura civil militar de 1964, que é tratada em

escolas militares como “revolução democrática” e não como golpe. Somos um país de proporções continentais, que precisa que os estudos produzidos sobre diferenças regionais sejam incluídos no ensino básico obrigatório para que dessa forma tenhamos gerações que se interessem mais sobre as nossas diferenças culturais, dos indígenas e quilombolas, dos lugares que foram colonizados por alemães no sul do Brasil, sobre as periferias do Rio de Janeiro e do sertão nordestino, e sobre as comunidades que vivem na Amazônia.

Para que seja possível nos orgulhar da nossa imensa diversidade, é necessária que a educação seja emancipadora (2018) e possibilite a todas as classes conhecerem os brasis que formam um país, com nossas identidades plurais, diversas, coloridas, que misturam religiões e diferentes carnavais. Ter a possibilidade de ter professores que sejam negros, mulheres, indígenas e quilombolas, agregaria uma outra visão e experiência para futuros cidadãos que sejam capazes de reconhecer e respeitar a existência de todos os brasileiros, formando, assim, uma geração que questione os valores morais que por tanto tempo estruturam a sociedade sem que haja um amplo questionamento de baixo para cima.

Temos um amplo acervo que pode ser utilizado como base para uma educação que seja emancipatória; como a obra de Walter Firmo, que retrata em suas fotografias do povo negro brasileiro, de forma sensível e digna, o povo negro representado de forma crítica, trazendo imagens que representam sonhos, a cultural afro-brasileira, e retratando a vida como ela é, exaltando a beleza do povo negro e da simplicidade de momentos que representam melhor o Brasil, um Brasil que por muito tempo foi invisibilizado, como na época em que Firmo iniciou seu trabalho na década de 60, em que os negros não eram vistos como importantes, ou relevantes, e eram retratados apenas como malandros e delinquentes, na personificação do malandro preguiçoso.

Sua coletânea, intitulada Antologia Fotográfica (1989), possui 45 fotografias que datam do período entre 1968 e 1989 e tem como marca o olhar sobre o povo negro e a representação de temas brasileiros, repletos de cor e diversidade, especialidade de Firmo.

Uma de suas obras mais conhecidas é o livro "*O Brasil de Walter Firmo*", que reúne uma seleção de fotos de Firmo que retratam a cultura brasileira. O livro apresenta uma visão abrangente da diversidade cultural do Brasil, com fotos de pessoas de diferentes origens culturais. Outra obra importante de Firmo é o livro "*Afro-Brasileiros*", que retrata a cultura afro-brasileira. O livro apresenta uma série de fotos que mostram a riqueza e a diversidade da cultura afro-brasileira, com destaque para as religiões afro-brasileiras, a música, a dança e a culinária.

É necessário que tenhamos esse olhar sensível para todos grupos invisibilizados e colocados à margem para não sermos estranhos ao nosso próprio povo, não sermos turistas viajando dentro do nosso próprio país, para que haja uma unidade, uma solidariedade coletiva, de falar uma mesma língua, viver num mesmo Estado e compartilhar um passado e um destino.

Para além de uma educação emancipadora, deixo aqui um apelo aos interessados no tema, em consumir e compartilhar informações sobre o Brasil, buscando, sempre que possível, tentar romper com nossas bolhas sociais de forma a ampliar o leque individual de conhecimento sobre a nossa história e o nosso povo. Pois mesmo que ações individuais não sejam suficientes para gerar uma mudança estrutural, é preciso que pessoas sejam capacitadas para produzir e transmitir conhecimento sobre os mais diversos aspectos da nossa sociedade.

Ademais, além do ganho social, as identidades plurais possuem grande potencial para fortalecimento da democracia, pois ao nos sentirmos parte, temos mais interesse em uma política que seja feita para o povo, e que não beneficie apenas parcela da população, favorecendo o debate respeitoso e humano, que esteja de acordo com os princípios e valores democráticos; não por precisarmos ser uma sociedade moderna nos moldes europeus, mas para podermos ser uma sociedade alinhada em temas importantes para todos os brasileiros, como a preservação ambiental, a erradicação da fome e da pobreza, e o desenvolvimento econômico, que beneficie a todos.

## CONCLUSÃO

Temos como um dos atuais críticos sobre o imaginário social brasileiro, Jessé de Souza, que faz uma crítica mais ácida ao “mito social” que traz o brasileiro como povo cordial e avesso a conflitos, a cordialidade conceituada por Sérgio Buarque de Holanda e a imagem retratada por DaMatta sobre os diferentes comportamentos na casa e na rua, onde na casa se evitam conflitos e críticas e na rua, onde a sociedade é impessoal.

Considerando a importância de identidades plurais para fortalecimento da identidade nacional, Jessé (2009, p. 47) traz em comparação o espírito francês de “rebelião justa”, no qual o “povo” francês, em especial os mais pobres, tinham como ameaça última contra o aumento dos preços de produtos básicos como o pão e o trigo, a rebelião popular, que sempre terminavam com a intervenção do Rei diminuindo os preços. A tradição histórica e nacional francesa do “direito” de não passar fome, fundamental na revolução de 1789, foi certamente retomada e aprofundada pela solidariedade do movimento dos trabalhadores industriais, um dos responsáveis pelo fato de a classe trabalhadora francesa ter sido a mais combativa de toda a Europa durante todo o século XIX. Tradição francesa que faz parte da identidade nacional e permanece até os dias de hoje, o que justifica a resistência considerável dos franceses ao sucateamento do Estado social pela onda liberalizante na Europa.

Tendo em mente o ideário nacional francês, vê-se que uma identidade nacional forte é de suma importância para o fortalecimento da democracia. O pensamento crítico aliado ao profundo conhecimento de sua história, auxilia no desenvolvimento de uma identidade nacional em que todo o povo possa se identificar, seja para reivindicar seus direitos, buscar o desenvolvimento como sociedade mais igualitária e diversa, ou para viver em um país no qual se identifica culturalmente.

Retomando o título do trabalho, podemos concluir que o pensamento político brasileiro, tem papel parcial no desenvolvimento de uma identidade nacional plural, pois como trazido neste trabalho, a formação de uma identidade também passa pelo ensino e valorização dos elementos dos grupos que formam

o Brasil. Todavia, considero que o papel dos pensadores políticos brasileiros tiveram e têm na formação da imagem nacional é essencial para que a sociedade como um todo possa conhecer mais o Brasil e tentar entender o complexo país no qual vivemos. Pois apesar de não ser fator único para uma identidade nacional plural, possui capacidade para levantar questionamentos importantes para as pessoas comuns, de forma acessível, como fez Caio Prado Júnior, Roberto DaMatta e mais recentemente Jessé de Souza.

Porém, a perpetuação do uso do jeitinho e da malandragem como definidores do que faz o Brasil, Brasil nos coloca como inferior, pois nem mesmo o lado qualitativo proposto por DaMatta, se mostra bom o suficiente para formação de uma identidade nacional que gere o sentimento de pertencimento para todos os brasileiros. Reconheço o grande esforço em sermos reconhecidos como o país do carnaval e do futebol, onde o povo é malandro e cordial, mas foi deixado de lado o que realmente faz o Brasil ser um país tão rico e importante, sua pluralidade e diferenças que possibilitam a existência de vários brasis dentro do Brasil.

Portando, faz-se necessário que esses temas sejam escritos a partir de diferentes perspectivas, de forma que mulheres, negros, indígenas e os demais grupos aqui citados possam participar da construção teórica de uma identidade nacional plural, feita por brasileiros plurais e que conseqüentemente tenha mais proximidade, sem reducionismos, da realidade social brasileira, afim de aproximar nosso passado e destino das pessoas que compõe o Brasil.

## ANEXO I



Pixinguinha na cadeira de balanço,  
no quintal de casa. Rio de Janeiro,  
s.d.

Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles





Dona Ivone Lara. Rio de Janeiro,  
1992

Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles



Cartola. Rio de Janeiro, 1963

Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles



Festa Bumba Meu Boi, São Luís,  
Maranhão, 1994

Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles



Os mascarados, 1992. Pirenópolis,  
Goiás

Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles

## REFERÊNCIAS

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 1. ed. Belo Horizonte: Ed. Rocco, 1986.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro.** 1. ed. Ed. Rocco, 1997.

DETIENNE, Marcel. **A identidade nacional, um enigma.** 1. ed. Editora Autêntica, 2013.

FERRARI, Manoela. **O premiado DaMatta.** Jornal de Letras, 2022. Disponível em: <https://www.jornaldeletras.com.br/destaque-do-mes/2022-08/o-premiado-da-matta.html#:~:text=recebeu%20o%20pr%C3%AAmio%20Casa%20Grande,Antr opologia%2C%20Sociologia%20e%20Ci%C3%AAncia%20Pol%C3%ADtica.> Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3002/1933> . Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, 2018.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala.** 51. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MASIERO, Cláudia Gisele. Retratos de um arco-íris: A produção fotográfica de Walter Firmo e a diversidade cultural brasileira. **Anais eletrônicos ANPUH-RS**, julho de 2016. Disponível em: [https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/46/1469566125\\_ARQUIVO\\_Revisado\\_Anpuh2016\\_ClaudiaMasieroeClaudiaDuarte.pdf](https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/46/1469566125_ARQUIVO_Revisado_Anpuh2016_ClaudiaMasieroeClaudiaDuarte.pdf). Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista; O ornitorrinco.** Boitempo Editorial, 2003.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas:** forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000.

SOUZA, Jessé. **A Ralé brasileira**: quem é e como vive. 1. ed. Editora UFMG, 2009.

**Walter Firmo**. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/walter-firmo/> . Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

**Walter Firmo conta a história de suas fotografias - parte 1**. YouTube, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/455jjTVAcdo?si=t5HUDD6dtDpF8db5>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

**Walter Firmo conta a história de suas fotografias - parte 2**. YouTube, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/hUIbls2rEzk?si=oPX> HOTEL cArlton. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.